

Saúde. Instituição ligada ao governo estadual foi uma das primeiras a adotar o atendimento de clientes de planos de saúde em suas instalações, medida até hoje polêmica; projeto de lei do governo reserva 25% das vagas de parte dos hospitais estaduais para convênios

Sem fila para plano de saúde, cirurgia no Incor demora até um ano para SUS

ESP 13 JANEIRO 2011

Fabiane Leite

Análise do Departamento Nacional de Auditoria do SUS (Sistema Único de Saúde) concluída em agosto do ano passado apontou que os pacientes atendidos pelo sistema público no Instituto do Coração (Incor), na zona oeste de São Paulo, esperam de oito meses a um ano e dois meses para ter acesso a determinados atendimentos. Enquanto isso, não há filas para os pacientes de convênio que também são atendidos na unidade pública.

O Incor, que pertence ao complexo do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e é vinculado ao governo do Estado de São Paulo foi uma das primeiras instituições públicas a adotar o atendimento de clientes de planos de saúde em suas instalações, com o objetivo de incrementar a oferta de recursos financeiros pelo SUS.

A medida, vigente há mais de uma década, foi alvo de ação judicial do Ministério Público no passado, mas a Justiça deu razão à unidade. No entanto, até hoje o modelo é criticado em razão de, na visão de alguns especialistas, permitir que em uma unidade pública haja diferença de tratamento entre os pacientes.

A auditoria que fala das esperas no Incor, à qual o Estado teve acesso, foi realizada dentro de uma análise mais ampla no instituto e a pedido do Ministério Público. Segundo o trabalho, a espera para uma segunda consulta nos casos de diagnóstico de arrit-



Aperto. No pronto-socorro destinado ao SUS, os pacientes esperam em um corredor lotado

mia, insuficiência cardíaca e hipertensão era de oito meses a um ano.

Exames para diagnóstico como ecocardiograma (tipo de ultrassom) para adultos eram marcados, na data do levantamento (agosto de 2010), só para maio deste ano. O ecocardiograma infantil ficava para agosto de 2011. Já as cintilografias (tipo de exame radiológico) só ocorreriam no próximo mês de setembro.

Por fim, as vagas para a colocação do aparelho Holter (que monitora o ritmo cardíaco) eram para outubro deste ano.

“Os mesmos exames e procedimentos supracitados não têm espera para pacientes de convênios e particulares”, diz o trabalho, assinado pelo auditor João de Deus Soares.

Modelo. Recentemente o governo estadual aprovou na Assem-

bleia Legislativa projeto de lei que permite que até 25% dos atendimentos de hospitais de alta complexidade do Estado, terceirizados para Organizações Sociais, possam ser destinados a convênios.

Os críticos da mudança, como o Ministério Público, apontam que isso aumentará as filas do SUS. A secretaria da Saúde promete que não haverá diferença nos tempos de atendimento e

Instituto nega diferenciação no atendimento

● Em nota, o Incor afirma que “não há diferenciação no atendimento e tratamento de pacientes – sejam eles do SUS, de convênios ou de recursos particulares – que motive tempos de espera diferentes nas agendas de exames e de consultas”. Segundo o texto, “os intervalos entre a data de agendamento de exames e a das consultas médicas, nas quais os resultados dos exames devem ser apresentados, são determinados pela dinâmica interna do sistema. Essa dinâmica, no caso do SUS, resulta num nível alto de admissão de novos pacientes e numa taxa significativamente baixa de alta ambulatorial, isso porque, entre outros fatores, esses pacientes possuem doenças crônicas bastante graves que demandam acompa-

nhamento por toda a vida. A consequência natural desse processo é a ampliação do tempo entre uma consulta e outra. A agenda de exames, por sua vez, acompanha esse ritmo”. Já “a dinâmica do sistema privado coloca à disposição do paciente uma ampla gama de opções de serviços”.

A nota da instituição ressalta também a “importância dos recursos gerados pelos pacientes que têm convênios ou financiam seu tratamento com renda própria para garantir a prestação de serviços de cada vez mais qualidade à população pelo Incor”.

De acordo com a instituição, pacientes particulares ou com convênios representam 20% dos atendimentos – 80% permanecem para o SUS. No entanto, eles contribuem com “parcela importante da arrecadação global do instituto”. O hospital informa também que, há mais de uma década, o volume de agendamento de consultas tem crescido, em média, de 5% a 10% ao ano.

que a medida visa a remunerar as unidades pela procura que já existe de pessoas com planos.

“As pessoas acham que poderá ocorrer diferença nos tempos de espera, mas tudo depende de como o governo vai regulamentar o novo projeto”, opinou Jorge Kayano, pesquisador do Instituto Polis.

Para ele, há a tendência de que passe a existir algum tipo de diferenciação do atendimento tam-

bém nesses locais, como há no Incor. Ele também destaca que, caso a previsão de ressarcimento dos planos ao SUS, prevista na lei federal do setor, funcionasse, não seriam necessários expedientes como o previsto no projeto aprovado.

Prazo vencido. No fim de 2009, levantamento do Ministério da Saúde apontou que a maioria dos hospitais de ensino administrados pelo Estado de São Paulo e que se comprometeram a dedicar, até outubro daquele ano, 100% dos atendimentos ao SUS ainda não tinha cumprido a meta.

Entre eles estava o Incor, com o menor percentual de atendimento dedicado ao setor público naquele momento (80%). Estavam previstos até cortes de repasses pelo descumprimento.

Em nota, o Ministério da Saúde informou que deverá realizar uma nova avaliação da situação das unidades de saúde e do atendimento a pacientes de planos neste ano.

Corredor separa os dois prontos-socorros

Diferença entre área de convênios e do sistema público começa nas salas de espera

Um total de 20 passos separam os dois prontos-socorros do Incor de São Paulo, um dedicado ao atendimento do SUS, o outro

aos planos de saúde. Ambos estão dispostos quase frente a frente, mas quem se dirige ao público encontra o chão riscado, um apertado corredor de espera lotado e uma porta de correr separando os seguranças e os funcionários da recepção da área de atendimento, com macas espalhadas, médicos se esforçando para cuidar de todos, banheiros nem

sempre limpos. Do outro lado, na área dos planos, o chão tem padrão granito, há uma espera confortável, salas de atendimento privativas, pouca gente e serenidade dos médicos.

“Meu pai veio de madrugada, está sendo atendido, mas o espaço lá dentro é bem restrito”, disse o comerciante Aldo Lima Pereira, de 49 anos, que aguardava

fora, nos bancos sem estofado da antiga farmácia, que ficava ao lado do PS público e foi transferida para outro local.

“Aqui é muito bom, você tem que ver como é em Cuiabá”, afirmou o administrador Júlio Noronha, que havia levado um amigo à unidade e também esperava do lado de fora.

Na área de convênios, pacien-

tes elogiavam o atendimento rápido da equipe médica.

Antigos pacientes do Incor não se importam com as longas esperas. “Como pobre, digo que aqui é o primeiro mundo. Os médicos são muito educados. Tive arritmia no dia 20 de dezembro e fiquei 12 horas aqui, tomando remédio. Tudo muito bom”, afirmou Ester Souza Campos, de 85 anos, paciente atendida há dez no Incor. “Mas a cintilografia que preciso fazer foi marcada para novembro deste ano”, completou. /F.L.